

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da Entrevista: 10/09/2008

Qual o seu nome completo, dia e local de nascimento?

Eu me chamo Luiz Antonio Villas-Bôas Corrêa, Villas-Bôas da minha mãe evidentemente e o Corrêa do meu pai. Eu nasci na rua São Francisco Xavier 127, na Tijuca, no dia 2 de dezembro de 1923. Meu pai era de família amazonense, de Manaus, minhas tias e tios são todos amazonenses, mas meu pai nasceu em Quixadá, no Ceará. Por causa do calorão de Manaus, a minha avó resolveu ter um filho num sítio nos altos do Quixadá. Essa minha avó eu não conheci, ela morreu moça, mas tem uma fotografia dela que vislumbra algumas salas de visitas da família. Foi uma mulher de beleza excepcional e a fotografia é em corpo inteiro, ela de frente, cabelo solto, e vai aos pés, cobre o vestido e vai aos pés. Meu avô paterno, Coriolano Corrêa, trabalhou na alfândega, em Manaus, lá fez a vida dele e morreu. Minha mãe era de uma família fluminense, de Angra do Reis, meu avô Luiz de Castro Villas-Bôas chegou a ter um jornal em Angra, esse jornal acredito que tenha sido envolvido em lutas políticas, e acabaram aconselhando ele que buscasse outro rumo e ele então, não sei se fez concurso, mas foi fiscal do imposto de consumo no Rio. Devo muito a esse avô e depois vou explicar por quê. Bem, meu pai começou em Minas como delegado de polícia, emprego arranjado pelo Virgílio de Mello Franco, que era diretor do jornal onde meu pai trabalhava enquanto estudante. Quando meu pai se formou, ele disse que arrumaria um emprego para meu pai em Minas, porque senão ele morreria tuberculoso. Meu pai estava muito magro pela simples razão que não comia, não tinha dinheiro para comer e comia mal, não é? Lá foi meu pai para ser juiz em Sacramento, logo depois fez concurso para promotor público e depois para juiz de Direito, foi desembargador, presidente do Tribunal Eleitoral. Morreu com 88 anos, mas a minha mãe morreu muito mais cedo. Meu pai foi juiz de Carmo do Rio Claro, que é uma comarca que fica ali perto de Furnas. Quando eu voltei trinta e tantos anos, depois quando o retrato do meu pai foi reinaugurado no Fórum local, encontrei a casa onde moramos lá, eu morei muito pouco tempo lá, a cidade é muito bonita. Eu saí de lá com seis anos, é

curioso que algumas coisas a minha memória recuperou. Eu fui na casa onde nós moramos e bati na porta e me apresentei, uma senhora extremamente amável, me deixou entrar e ela ficou boquiaberta porque eu dizia: isso aqui é novidade, essa porta aqui não tinha não". E ela dizia que a porta era na frente, coisas assim.[risos] Minha mãe morreu com 33 anos, ela pegou uma doença chamada actinomicose, que é uma inflamação dizem que transmitida através do gado, o sujeito pega um capim que o gado tenha comido e que dava naquela ocasião e dá até hoje, ainda dá essa doença lá até hoje muito remanescente, mas dá. Dava uma série de tumores na barriga. Minha mãe teve que vir para cá para se retratar, eu também vim com ela, com seis anos, ela ficou na casa de meu avô na rua São Francisco Xavier, tratada naquele tempo por um estilo de açougue, porque aqueles tumores eram lancetados a frio. Se espremia a frio, um sofrimento brutal e minha mãe morreu dois anos depois e eu tinha 8 anos. De modo que realmente da minha mãe minhas lembranças são um pouco remotas, foi praticamente até os seis anos porque dos seis aos oito anos eu via aquela senhora muito branca em cima de uma cama sofrendo. É a lembrança que eu tenho dela. Aqui no Rio eu fiz todo o meu currículo escolar, passei muito pouco tempo numa escola pública e logo depois fui para o Instituto Lafayette, na rua Haddock Lobo, departamento masculino naquele tempo, era a sede, e era fundado pelo Lafayette Cortes, uma figura exemplar, ele era positivista, mas um homem patriótico, cívico, uma boa figura. Lá eu entrei no segundo ano primário, fiz segundo, terceira e quarta, que era a admissão, fiz mais dois anos de complementar. Cinco anos de secundário e mais dois de complementar. Naquele tempo você tinha o complementar de Letras e Ciências para quem ia estudar medicina, engenharia e tal. Fiz esses dois e em 1943 eu entrei para a Faculdade Nacional de Direito, na rua Moncorvo Filho, que hoje fica na praça do Caco, praça do Centro Acadêmico Cândido Oliveira. E aí começam um pouco a aparecer a imprensa e a política na minha vida e política. É verdade que as férias que a gente passava em Araguari, eram férias longas de 3, 4 meses, e ali se juntava uma turma de estudantes que estudavam em Belo Horizonte e a maioria São Paulo. Araguari, naquele tempo, era muito mais paulista que mineira. Até era mais um dia de viagem para Belo Horizonte do que para São Paulo. E tinha lá alguns colegas, o Menides, que tinha um texto magnífico, e que eles inventaram numas férias um jornal chamado O Granfino, que era um jornal extremamente bem feito, que mexia com as moças locais, aquele jornal de província, mas que fez um sucesso estrondoso na cidade, porque foi absoluta novidade no Triângulo Mineiro. Acho que foi o primeiro jornal em que eu tive uma colaboração mais constante, durante três meses por ano. Também na faculdade eu comecei a trabalhar, escrever artigo para A Crítica e depois para Revista Época etc. Mas a faculdade para

mim foi uma revelação e uma descoberta com foco para trás também. De repente, eu fiquei abismado com a constatação de que na minha casa, casa do meu avô que tinha sido político fluminense, que era freqüentada por meu pai bacharel juiz de direito em Minas, outro tio juiz, o outro era do comércio, eu não tenho a lembrança de nenhuma conversa política nessa casa do meu avô, a não ser aquelas reminiscências da política fluminense antiga, que o meu avô gostava muito de contar. Quando cheguei na faculdade cá naquele caldeirão, naquele fogaréu e peguei fogo na hora, porque aquilo foi uma descoberta, uma revelação. Era isso que eu precisava saber, era isso que eu queria saber. E você entende porque não havia conversa na casa do meu avô. Era porque não tinha política para conversar. Era Estado Novo, você não tinha partido, os jornais sob censura rigorosa, só quem conversava política era quem conspirava. Do senso de conspiração é que surgiu o Manifesto dos Mineiros, no mais, na classe média não havia política porque não havia o que conversar sobre política. Mas esse estouro me levou à política acadêmica, eu fiz um bom curso de Direito, embora nunca tenha exercido a profissão, meu diploma ficou 10 anos na faculdade. Um dia o meu colega Joaquim Simões Faria, meu amigo fraternal, foi lá e o secretário disse que tinha o meu diploma lá há 10 anos e perguntou se ele não queria levar. Ele levou e me deu de presente, eu botei numa gaveta e também nunca saiu. Fui dar para minha nora para ela botar num quadro, ela achou que não merecia quadro, então está lá. Mas fiz a cabeça na política, entrei para a política acadêmica, fui secretário do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira e depois fui presidente, no 3º ano, como era a praxe. Você era eleito no meio do ano para cumprir o mandato de um ano que ia terminar no ano seguinte. Isso era muito bem pensado porque no 3º ano já tinha passado a fase do calouro, já estava mais enfrornado na faculdade. E terminava no meio do 4º ano porque no 5º ano você começava a se desligar da faculdade, muitos já estavam casados, como era o meu caso, casado e com filho, a maioria estava tentando uma advocacia pendurado num escritório, de modo que era a época própria, não é? Como eu casei no 4º ano, com a dona Regina Maria de Sá Corrêa, que foi minha vizinha da rua Professor Gabiso, aqui da Tijuca. Aquele namoro de rua, que começa com deixa eu ver a hora no seu relógio para pegar na mão, coisas daquele tempo. Casei, primeiro filho veio, o Marco que nasceu com 9 meses e 3 dias, menos 3 dias, mas não tem malícia não, era a conta mesmo [risos]. O Marcelo nasceu um ano e pouco depois e então eu me formei com praticamente um filho e quase dois. Regina não podia ir ao baile e eu acabei não indo também, porque ela estava com uma barriga de 8 meses. E eu vivi na casa do meu sogro durante algum tempo. Mas quando o Marcelo nasceu, a gente morava nessa tal casa da Urca, onde meu sogro era diretor do Benjamin Constant, uma

escadaria enorme e a Regina um dia se assustou porque o Marco ia cair da escada e quem caiu foi ela, de barriga, teve um hemorragia brutal, teve que ser levada para o hospital às pressas, teve que ser operada, cesariana, e o Marcelo nasceu com 8 meses e dias, nasceu bem, com problema nenhum, mas eu que estava com dois, três contos de réis naquele tempo para enfrentar um parto normal, paguei uma conta de 13 contos de casa de saúde. Meu sogro disse que eu tinha que arranjar algum bico. Nesse tempo, eu trabalhava no SAPS. O meu sogro foi um excelente jornalista daqui do Rio, muito conhecido na época, ainda tem matérias dele, poeta razoável, bom poeta, escrevia muito bem, um texto excelente e me deu uma carta para o Silva Ramos, o Comte Campos, me recebeu muito bem com aquelas gravatas espalhafatosas, mas era um sujeito de primeiríssima ordem, disse: "Olha, quem está aqui tomando conta do jornal é o Silva Ramos. Levei a carta do Bittencourt de Sá para o Silva Ramos. Francisco Otaviano da Silva Ramos, meu mestre em jornalismo, pelo menos nas primeiras letras. Ele leu a carta e disse: "O Bittencourt de Sá está dizendo aqui que você é bacharel em Direito, mas não que dizer que você seja necessariamente analfabeto, tira o paletó, senta naquela cadeira ali e pode começar a escrever". E lá fui eu. A *Notícia* nesse tempo ocupava praticamente um apartamento ou então o que chamam um grupo de salas. Tinha uma sala grande, com uma mesa enorme, de madeira, onde a turma quase toda escrevia, umas mesinhas do lado, uma mesinha para o secretário, a mesa do Silva Ramos, que funcionava dentro da redação todo o tempo, aquela escrivadinha que abria e fechava e ali a turma escrevia. As folhas eram as sobras das bobinas cortadas a facão. Aquilo era um desgraça, o dia em que chegou uma guilhotina para cortar aqueles papéis, foi uma festa na redação, porque se escrevia em trapo de papel. A turma toda escrevia a tinta e alguns a lápis, aquele lápis Faber nº1, que era um lápis mais firme, mais negro. O Mauro de Almeida, o famoso Peru dos Pés Frios, autor da letra "Pelo Telefone", trabalhava lá nesse tempo, velho repórter, já cansado, pés arrastados, e ele comprava do bolso dele esses cadernos de papel pautado, porque não sabia escrever sem pauta, tinha daqueles cinzeirinhos de colher que viravam e não entornavam e escrevia com caneta e com pena, lá no cantinho ele guardava as coisas dele e ninguém mexia, ele fazia obtuário. Tinha sempre as grandes histórias do Mauro de Almeida como repórter, aquela famosa história de que um dia tinha uma matéria de polícia complicada para escrever por causa da moral daquele tempo era a história de um freqüentador da zona do mangue que morreu antes da glória, não é? [risos] E como é que se escreve isso? Não, isso é uma outra história. Houve uma cena de sangue no mangue, o sujeito matou a mulher ou a mulher matou o sujeito, então mandaram o Mauro de Almeida fazer a matéria e ele fez e botou aquele título espetacular. Não

lembro... a história ficou sem fim... vou lembrar depois. Ah, vou contar, deixa eu fazer essa história, é o seguinte: houve uma cena de ciúme lá e a mulher capou o sujeito, capou o amante e como é que se escreve isso? O Mauro escreveu e botou esse título: "Extirpou o mal pela raiz" [risos]. Foi uma história que marcou muito. Bom, isso era *A Notícia*. Eu fazia tudo lá, aquilo era uma escola de jornalismo, em que você aprendia e começava logo a mostrar até onde você podia chegar, até onde você queria chegar. Fiz tudo. Entrevistei girafa que chegava aí, entrevistei um rinoceronte, desastre, tinha credenciais em todas as salas de imprensa, porque quando havia um rolo lá ia o Villas cobrir, Marinha, Exército, polícia e tal. *A Notícia* não tinha repórter político e havia um grande interesse por matéria de política. *A Notícia* cobria isso catando essas notícias que sobravam e a manchete do jornal era um artigo político escrito pelo Silva Ramos ou pelo José Barbosa Pacheco, que foi um jornalista excepcional, não sei se ainda está vivo. Até que um belo dia eu fui buscar um "boneco" naquela rua perto do Largo do Machado, era um hotel chamado Hotel das Américas, que não existe mais, um hotel vagabundo, eu fui procurar o "boneco" e não tinha "boneco" nenhum, era uma casa que ninguém reconhecia, enfim, era uma matéria furada. Eu fui entrar nesse Hotel das Américas para telefonar para a redação e dizer que não tinha matéria. Quando entrei no hotel, antigo e muito modesto, tinha um corredor comprido e nesse corredor tinha aquela cabine telefônica aberta, sem porta e lá estava um sujeito fortão, tipo alemão, aos berros, estava falando num interurbano e logo descobri que ele estava falando para Porto Alegre. A gente ouvia tudo e a história era fantástica. Ele estava falando com o chefe e contando a dificuldade que ele estava encontrando aqui para completar a transação com a Central do Brasil de dormentes para a estrada de ferro, operavam com madeira porque ele estava sendo chantageado por gente que se dizia em nome do Ministro da Aviação, que era o Clóvis Pestana, que era um homem de bem, deputado de PSD gaúcho, e pelo irmão do Nereu Ramos, que tinha um cartório na cidade. Nereu Ramos era vice-presidente da República, um homem absolutamente acima de qualquer suspeita. O mais fantástico era que ele disse que tinha conseguido marcar, através de não sei quem, um encontro para o dia seguinte com o General Canrobert Pereira da Costa, que era o todo poderoso Ministro da Guerra, chegou a ser candidato à presidência da República, que morreu de câncer de pulmão muito moço, com 60 anos. Esqueci do "boneco", achei que o sujeito era meio falastrão de contar essas coisas aos berros no corredor, sem saber quem estava ouvindo e me apresentei dizendo que era jornalista e que essa história só progride, só dá frutos se for para a imprensa. Cantei o sujeito para ele me levar como advogado, se ele pedisse para mostrar o diploma eu estava perdido porque não tinha, né? Combinamos assim. E não é que no dia seguinte o cara

estava me esperando?! Eu fui com o melhor terno que eu tinha, arrumadinho e assisti à conversa. Ele expôs tudo isso e meu queixo caiu quando o Canrobert prometeu para ele que levaria aquilo no dia seguinte ao presidente Eurico Gaspar Dutra. Eu achei aquilo de uma leviandade inacreditável. E o nome do sujeito era Ivo Borcione, esse é um nome que não esqueço. Se tivesse um retrato dele eu ia pisar no pescoço. Nunca mais vi. No dia seguinte lá fomos e ele contou tudo ao Canrobert, que anotou coisas, telefone e tal e de lá eu disse: vou para a redação escrever essa matéria. A *Notícia* era na Avenida Rio Branco, levei o Borcione, chamei o Rodrigues, que era o fotógrafo, para tirar uma fotografia dele, eu não quis aparecer na foto, e fiz a matéria, rendeu uma manchete escandalosa de primeira página, uma repercussão fantástica na Câmara, pegou fogo na Câmara no dia seguinte, desmente daqui, desmente dali, vai fazer CPI. Deu em alguma coisa? Para mim deu, eu virei repórter de política. Simplesmente passei a fazer matéria política para *A Notícia* e fazer só isso. Passei a freqüentar a Câmara, o Senado. Eu curti mais ou menos uns seis meses de jornal quando tirei minha carteira profissional, naquele tempo não tinha curso nenhum, quem iniciava numa redação se não levava já uma história de jornalismo, de exercício de redação, submetia-se a teste e se via até onde ia. Durante o tempo em que você ficava fazendo esse estágio, você era pago, pagavam salário, não me lembro quanto era mas devia ser muito menos do que passei a receber depois. Recebia um salário e aí uns cinco, seis meses depois, Silva Ramos me chamou e disse que podia passar na secretaria e pedir uma declaração para tirar minha carteira de jornalista, que eu tenho até hoje, a primeira, a carteira profissional. 27 de novembro de 1948. Isso quer dizer que dia 27 de novembro deste ano eu faço 60 anos de imprensa, de jornalismo político. Eu não conheço outra pessoa que tenha essa teimosia em viver além do tempo razoável, da minha geração ninguém, o Murilo (Melo Filho) está aí tem quase a minha idade, não, tem menos do que eu, ele está fazendo 80 agora, ainda é jornalista, mas não está exercendo a profissão, ele hoje trabalha na Academia Brasileira de Letras. Ele tem uma aposentadoria, foi diretor da *Manchete*, deve ter feito alguma economia, vive sem atropelos, nos damos muito bem, somos amicíssimos, vou ser o orador dos 80 anos dele, e se a ABI realizar a sessão que está prometendo, ele vai ser o meu. Eu tenho muito orgulho desse exercício profissional, um pouco dessa história eu conto nesse livro *Conversa com a memória*, porque nós fomos uma geração privilegiada e não vai se repetir nunca mais no Brasil um cenário que seja exatamente como esse, a história não se repete, mas suponho que nem parecido. Por quê? Em primeiro lugar, porque o Congresso funcionava no Rio de Janeiro e depois daqueles anos todos de censura à imprensa e tal, havia um enorme interesse pela notícia política, vendia jornal a

balde. O jornal era o grande veículo de comunicação. Os jornais eram divididos em duas categorias: matutinos e vespertinos. O Rio tinha mais ou menos em torno de 17, 18, 20 jornais. Havia também aqueles jornais de vida mais efêmera, que não duravam muito. No bloco dos grandes jornais matutinos, o *Correio da Manhã* era o maior de todos, depois vinha mais ou menos emboado o *Diário de Notícias*, *O Jornal*, o *Diário Carioca*, mais tarde *Última Hora* e outros jornais menores, *O Imparcial* e *Vanguarda*. E tinha o bloco dos vespertinos, que era liderado por *O Globo* e o segundo que mordia no calcanhar do *Globo*, de leve, era *A Notícia*. *A Notícia* chegou a tirar cem mil exemplares, quando *O Globo* tirava 180 mil, 169 mil, 120 mil. O matutino era o jornal da família, que o sujeito comprava na banca, usava-se muito pouco esse negócio de assinatura. Comprava na banca de manhã. Geralmente você tinha conta com o jornaleiro, pagava por semana ou por mês, o jornaleiro levava em casa. Tinha tudo isso. E o vespertino, que era um jornal com as novidades quentes do dia, saía duas, três horas da tarde, quatro horas da tarde no máximo que é o jornal da leitura do retorno para casa de bonde. O bonde era um veículo admirável para o Rio de Janeiro de então, era arejado, aberto, fresco, corria em cima de trilhos, não balançava muito e facilitava a leitura e as viagens eram longas, demoradas. A nossa rotina, não sei como isso se arrumou, mas era tão lógico que deve ter se arrumado logo. Os jornais, quando o Getúlio caiu de padre e instalou-se logo em seguida a Constituinte, eu não cheguei na Constituinte, cheguei em meados do governo Dutra, quando instalou-se a Constituinte foi preciso arranjar gente para cobrir aquilo, a primeira solução, a mais fácil foi tentar recuperar alguns jornalistas veteranos, que vinham da República Velha, eram poucos, mas gente boa como o Prudente de Moraes Neto, texto fantástico, uma figura admirável de pessoa humana, um amigo inesquecível, um grande presidente da ABI; Oswaldo Costa, veterano, muito bom texto, muito bom nível; Francisco de Assis Barbosa, já um pouco mais moço; Odylo Costa Filho, também uma geração intermediária, e poucos mais. Murilo Marroquim, que acho que começou muito moço, porque o Marroquim assinou uma das primeiras crônicas políticas em *O Jornal*, crônica diária, depois o Doutel de Andrade também. Isso era a primeira prateleira da cristaleira. Carlos Lacerda, o furação do *Correio da Manhã*. Esta era a bancada da imprensa. E a turma de repórter político propriamente dita, que era a turma que vivia catando notícia no varejo. Naquele tempo a Câmara era aberta, como é até hoje, o sujeito vai fazer o quê? Qual é o ladrão do dia? Qual era o escândalo do dia? Você podia freqüentar o plenário, na chamada "terra de ninguém", que é aquele corredor entre a primeira bancada e a mesa. Tinha uma bancadinha da imprensa, com duas fileiras de cadeira, que o sujeito sentava e podia andar a qualquer tempo ali, não podia entrar no plenário evidentemente.

Essa Câmara tinha 200 e poucos deputados. Gabinetes da Mesa: presidente, primeiro secretário e etc. Os partidos tinham seus gabinetes, os grandes gabinetes do PSD e UDN, não eram grandes, mas muitos freqüentados, e os gabinetes dos partidos menores, PR, PTB, PSP etc. O Senado funcionava no Monroe com esse mesmo tipo de cobertura, mas em geral as sessões ali nem sempre você tinha uma grande sessão do ponto de vista político. A outra equipe que tem uma figura simbólica exemplar que é o Heráclito de Assis Salles, era a turma que fazia plenário. Na visão de hoje parece inacreditável para quem vê o noticiário desse Congresso mal coberto. O Heráclito enchia a última página do *Correio da Manhã* com uma crônica de alta qualidade literária, ele era um escritor primoroso em que ele fazia uma crônica da sessão, inclusive infiltrando ali o noticiário político - o *Correio da Manhã* não dava muita bola para esse noticiário político clássico. É inacreditável que por mais que eu já tenha falado, falo quando posso, mas, que até hoje, ninguém se interessou em recuperar essas crônicas do Heráclito no *Correio da Manhã*. Porque era um coisa que merecia ser reeditada, ainda que numa tiragem pequena, porque nunca ninguém fez nada igual nem nunca mais se fará. Aquele tipo de seção nasceu e morreu com Heráclito. Nunca mais se fará, não só porque não há mais Câmara para se cobrir desse jeito, como não há um jornalista com o Heráclito para fazer aquilo. Heráclito chegava na Câmara por volta de uma e meia, antes da sessão começar, assistia a sessão toda e ia para o *Correio da Manhã*. Escrevia com rapidez, com dois dedos, à máquina. Escrevia depressa, mas custava para começar a escrever, porque era um cara muito minucioso. Então, ele montava aquela crônica exemplar. Às vezes, era um incidente de fim de sessão que puxava a seção. Não tinha aquela hierarquia, não é? Todos os jornais dedicavam pelo menos espaço pra três noticiários diferentes: comissões, plenário e política, além dos comentários, artigos e etc. Plenário, tinha além do Heráclito, tinham vários jornalistas de bom nível pena que não deixaram a mesma notoriedade do Heráclito. As comissões eram cobertas por uma equipe mais de veteranos, que aquilo era meio chato e às vezes dava muito boas matérias, comissão de justiça, comissão de finanças. E às vezes numa sessão interrompiam com um assunto importante. Queria assinalar para vocês aqui algumas peculiaridades curiosas: essa Câmara, que tinha uma importância política que era difícil de imaginar diante da falta de qualificação, inclusive ética, dessa Câmara de decadentes que está aí. Era fundamental porque ali era uma arena onde se decidia o jogo político. Acusa-se muito a Câmara, de que era uma Câmara reacionária, dois partidos de centro que praticamente se batiam de frente, UDN e PSD, os grandes, mas tinha muito partido menor também, secundário mas não desprezível como o PL do Raul Pilla, o Libertador, o PR, do Arthur Bernardes, o Republicano, o PSP do Ademar, eram

partidos de gente de peso. O PTB que foi crescendo, que nasceu do gênio do Getúlio, de criar um partido para evitar que sua base popular fosse para o Partido Comunista. Alzira Vargas me contou essa história numa conversa na casa dela, que um dia interpelou o pai dela: "Ô velho, como é que nós estamos nos dando tão bem com o PSD, que garante apoio majoritário" – o PSD era o partido da máquina, das prefeituras municipais, dos governos estaduais, a máquina da ditadura – e ele disse: "Menina, tu não entendes, eu preciso criar um partido para que o meu eleitorado não vá para o Partido Comunista". Getúlio sempre foi um anti-comunista, lia o livro dele, se tiver coragem de enfrentar duas mil páginas chatíssimas do diário dele. Além da história do romance dele com a Dona Aimée de Heeren, é uma leitura chatíssima, mas reveladora, porque ele era um trabalhador infatigável, burocrata incrível. E nós assistíamos aquele jogo do poder e a nossa interpretação era importante, porque era ali que se decidia o poder. O presidente da República era quase inacessível para o repórter político. Havia os casos raros de amizades pessoais. O Juscelino tinha os seus amigos mineiros, o Getúlio, quando chegou, tinha o Samuel Wainer, que entrava pela cozinha. O Dutra, não me lembro de nenhum jornalista que estivesse com ele. Mas era muito raro, porque até a arrumação geográfica tornava difícil para nós, naquele tempo, o acesso. O Rio tinha um centro da cidade que era a nossa casa, a nossa área de trabalho, onde a gente fazia tudo a pé, as distâncias eram próximas e era agradável andar naquela cidade clara, arejada, linda e com absoluta segurança, sem problema de ser roubado na rua, era agradável andar, e depois porque automóvel era uma raridade, pouquíssimos repórteres tinham carro. Eu me lembro que o Marcelo Pimentel, que depois foi ministro do trabalho, era filho de uma família mineira rica, ele tinha um famoso Chrysler velho, era aquela baratinha, e que não tinha marcha à ré, tinha quebrado a marcha e não tinha como substituir, então, ele se especializou em só estacionar o carro de traseira onde tivesse uma descidazinha, o carro descia, batia no meio fio e encostava e ficava ali, na hora de sair ele engatava para frente e o carro andava. [risos]. E nós rodávamos esses gabinetes, as conversas a dois que a gente respeitava, saíamos juntos em grupos. O Heráclito saía mais tarde, ia para o Correio da Manhã. Eu, Castello, Tarsilo Lopes íamos para o lado de cá. Eu dava expediente no Dia, curto, e depois ia para o Diário de Notícias, passava pelo SB9 para tomar um café, um sanduíche e passávamos o dia nessa caça de notícias. De vez em quando tinha algumas surpresas, deixa eu contar só duas ou três. O João Duarte Filho deu uma vez um baita de um furo e de uma coisa tão simples. Era um reunião decisiva do PSD que ia romper o acordo intra-partidário, o acordo dos três, porque aquilo não levava a nada e queira lançar a candidatura do Juscelino para presidente. Então, reuniu-se o PSD no edifício Piauí e gente assim, não é? Na hora

se disse que teria uma nota que eles iam distribuir no dia seguinte depois de levar aos aliados, como era de praxe. Naquele mesmo dia de tarde a Tribuna da Imprensa publica em manchete a nota. A nota não tinha nada de novo, mas é um fato jornalístico. Ele deu uma nota oficial que oficializava a dissolução do acordo e foi o Duarte que reparou que a secretária trocou os carbonos na hora de bater a nota, ele ficou peruando e, quando ela saiu, ele pegou o carbono, olhou e viu que estava certinho ali, levou aquilo com cuidado, botou no vidro e copiou. [risos] Comigo aconteceu uma coisa também, mas de menos importância: lá pelas tantas o negócio estava enguiçado, não chegava a solução nenhuma, eram os três grandes, o Nereu do PSD, Prado Kelly da UDN e Arthur Bernardes do PR, eram os três grandes, estavam tentando encontrar um candidato e era impossível, porque cada um tinha um candidato. Para o Bernardes o candidato era ele, o PSD era o Juscelino e a UDN, o Kelly, era o brigadeiro. Essas coisas em que o sujeito marcava passo. Um dia, o Valladares saiu articulando uma candidatura mineira que daria aquela tal fórmula mineira, que levou à eleição do Getúlio, o Bernardes então ficou indignado e disse que ia romper com Vargas. Bernardes era um sujeito extremamente zeloso das regras, ele não falava com ninguém, mas eu tinha um senador lá, chamado Durval Cruz, que era do PR de Sergipe, que fazia parte da turma que acordava cedo. Isso era uma coisa que a gente tinha que descobrir, os políticos importantes que acordavam cedo, porque eu trabalhava para um matutino, tinha que entregar uma matéria até 11 horas, o rescaldo da véspera e alguma coisa nova, então tinham 4, 5, 6, 7, sei lá, não me lembro. O Valladares acordava cedo e atendia telefone. Então Durval Cruz me disse: "Ô Villas...". Era um sábado, telefonei para ele e ele disse: "vamos almoçar hoje? O Bernardes me chamou para uma reunião e nem sei o que é". O PR funcionava ali perto da Praça 15, naquela avenida não sei o que Lessa, por ali, aquela avenida grande em frente ao Fórum. Eu disse: "tudo bem". A reunião terminava 11 e meia, meio-dia. Eu fiquei matutando o que é que o Bernardes ia fazer nessa reunião, estava um dia tenebroso, chovendo. Resolvi dar uma afiada nesse troço. Como era perto eu fui a pé e quando eu entrei na sala, que estava aberta, tinha aquele cabide grande cheio de guarda-chuva daquela turma velha, eu parei e vi que estava vazia a ante-sala e lá dentro estava o Bernardes falando com extrema veemência que não admitia aquela desconsideração e tal. Eu entrei atrás desse cabide, me acocorei ali e fiquei assistindo a reunião, torcendo para ninguém aparecer mas, se aparecesse, eu estava escondido mas ninguém apareceu. Estava acabando a reunião, mas o Bernardes estava fazendo o discurso final dizendo que não admitia aquilo e que iria ao presidente Dutra se queixar e dizer que nessa base ele não participava mais. Era uma crise política de gravidade. Quando eu vi que estava acabando a reunião saí

fora, fui para o jornal e bati uma matéria, manchete, é claro, o Silva Ramos mandou para a máquina na oficina e eu fiz a matéria. Nesse tempo os títulos eram engraçados, o Silva Ramos botou o título: "Gravíssima crise política", o que não quer dizer nada, não é? [risos] Você hoje botaria: "PR rompe com o governo", "Bernardes rompe com Dutra"... Bom, eu fui para a Galeria Cruzeiro almoçar com o Durval Cruz. Almocei e fiquei quieto, ele muito evasivo. Daqui a um bocado apareceu o jornalista berrando a notícia porque aquilo é rápido, rodava e começava a distribuir logo, era na Praça Tiradentes. Comprei dois jornais e dei um pra ele, ele começou a ler e ficou pasmo. Olhou para mim e disse: "Você?!"[risos]. Eu disse: "Foi!". O Bernardes soube que fui eu. Eu me dava muito bem com o Bernardes porque o Bernardes era muito amigo do sogro do meu pai, o pai da minha madrastra, de modo que ele se dava muito bem comigo.

Villas, a gente está falando de uma época em que os jornais eram muito partidários, em que medida isso interferia no trabalho do repórter político?

Acho que cada um deve ter um caso para contar. Sem que houvesse nenhuma combinação, mas das nossas conversas ficou, era óbvio, o nosso interesse, nossa vontade de afirmar uma linha política de razoável imparcialidade e deixando que o jornal babasse os seus ódios ou gabasse as suas vantagens nos editoriais, que era onde estava a opinião. Isto era uma coisa que podia se manter na rotina de cada dia. Mas veja bem, essa minha história não é muito longa não, eu passei praticamente 12 anos na Câmara, até 1960, quando a Câmara vai para Brasília, em 21 de abril. Não é uma história muito longa, passei 14 anos na Câmara. Demos que durante a fase de campanha ainda perdurava muito o ranço de uma parte de uma imprensa mais independente, que tinha muito ressentimento do Getúlio, do Dutra, do Estado Novo, da censura, do DIP. O Getúlio voltou depois do Dutra. No seu suicídio eu passei dois dias sem sair do jornal. Essas colunas, que eram de interpretação, de análise, tinham que seguir um pouco a linha do jornal, agora, eu acho que nós devemos ao Juscelino um pouco a rachadura nesse vaso de pedra, porque o Juscelino, com o temperamento dele não cultivou esse tipo de contradição. Ele rachou o outro lado, levou o Diário Carioca, que o apoiava, conquistou o Diário carioca, depois, de alguma maneira, o Correio da Manhã. De modo que isso melou muito. Olha, se há alguma coisa de que eu posso ter orgulho é de que eu nunca recebi ordens para manter uma coluna em tal orientação, nunca. Também nunca dei murro em ponta de faca. Não ia, num jornal do Chagas Freitas, fazer uma matéria esculhambando o Chagas, isso aí é pedir demissão. Inclusive, fiz isso em televisão, no Jornal de Vanguarda não era vantagem, porque era a linha do jornal. Eu tenho um enorme orgulho de ter trabalhado... eu fiz um artigo hoje no

Jornal do Brasil sobre o meu querido amigo, grande jornalista Barbosa Lima Sobrinho, não quis ir à missa dele para não ficarem dizendo obrigado pelo artigo, eu não fiz para isso. Mas, Juscelino rachou isso um pouco, o Jango já foi eleito com algum oba oba. Depois, na sucessão do Juscelino, foi negócio de Jânio, a UDN lacerdistas foi para um lado, etc e tal. Partido Comunista já estava na ilegalidade, tinha pouca importância, pouca força. Eu acho que o que começou a matar imprensa política no Brasil, ou esvaziar muito, foi mudar a capital para Brasília. Se enterrar numa cidade não tem sentido nenhum, se você não gostar da cidade. Brasília foi inaugurada sem estar pronta. Hoje, você verifica que nada do que se dizia a favor dela se confirmou. Uma das grandes justificativas para Brasília era ter uma capital que tivesse um clima de serenidade para o exercício da administração, para o funcionamento do Congresso e tal. Isso não existe, teria que ser uma cidade no máximo de 500, 600 mil habitantes. Já é a quarta cidade do Brasil, com dois milhões e tanto. Quando acabaram de construir a cidade, inauguraram antes de ficar pronta, tinham 40 mil candangos, ninguém pensou o que ia fazer com esses candangos, não tinha nenhum programa para devolver essa gente para seus estados e também não queriam ir, não tinha emprego, o que houve? Favelização. Hoje, Brasília é cercada por favelas inclusive algumas violentíssimas, de banditismo de causar inveja às cariocas. No Congresso, abriu a cancela para as mordomias, as vantagens, os benefícios porque se no Rio de Janeiro, quando a capital era aqui, o sujeito era eleito deputado federal em qualquer estado no norte, nordeste, sul, centro, nove fora alguns de Minas e São Paulo, no que o sujeito era eleito a família toda botava a mudança num caminhão com cachorro papagaio, a sogra e tudo, e vinha para a cidade maravilhosa cheia de encantos mil para morar na praia de Copacabana. Alguns deputados mais modestos, tinham muitos que ocupavam aqueles hotéis do Catete, Flamengo, muitos foram depois moradores, o Seixas Dória, o Sarney, o Antonio Carlos Magalhães morava com a família num hotelzinho lá, Paulo Salasarte, Ernani Sátiro, moravam aqui porque a família não queria vir. Também não havia possibilidade de o sujeito morar em Brasília e querer passar o fim de semana em casa. Naquele tempo não havia como morar em Brasília e querer passar o fim de semana no Amazonas. Tinha um DC-3 que levava dez horas até Natal. E não havia esse clima de que se tenha vantagem não, era relativamente modesta a vida da maioria absoluta do Congresso, Câmara e Senado. Gente de classe média alta, mas advogados, médicos, fazendeiros, uns negócios, profissionais liberais, era gente que vinha de vereador, que era um exercício gratuito de cidadania, e depois o sujeito vinha subindo degrau por degrau. De vereador, tentava ser prefeito, de prefeito ele ia ser secretário de estado, de secretário de estado a governador e daí é que o passo seguinte era o Congresso ou

a Presidência da República. Isso mudou inteiramente. Essa mordomia, uma vez criada, se transformou realmente numa cadeia de corrupção. Qual é a justificativa, hoje, com uma cidade de dois milhões de habitantes, para o deputado não poder morar lá com a família? Ter que passar o fim de semana com a família em casa, na sua sede? Por que ele faz isso? Tem passagem de graça, o que ele não gasta, guarda, e depois transforma em passagem para ir para a Europa, não sei se está fazendo isso hoje. Recebe 15 mil de verba indenizatória para as despesas de fim de semana, 61 mil para contratar assessores para o seu gabinete privativo, isso é para dar emprego para família, para parente, então se transformou realmente em um dos melhores empregos do mundo, que vira a cabeça. Esse Congresso que se reúne duas, três vezes por semana e às vezes passa a semana toda sem se reunir, acabou com a cobertura do plenário, que era uma coisa fortíssima na sustentação popular do Congresso. Como vai se manter uma seção fixa, de página inteira, como fazia o Heráclito - todos os jornais davam um grande espaço para cobrir plenário de Senado e Câmara, Assembléia Legislativa e Câmara de Vereadores, em plenários que se reúnem de vez em quando? Matou. Também nenhum jornal conseguiu transferir para Brasília toda a sua equipe. Muitos não foram porque não quiseram ir, porque tinham outros interesses aqui, também não havia espaço lá, foram pingando, pingando... E com esse esvaziamento do Congresso, olha, o Castellinho nos últimos anos de vida, não ia ao Congresso, o Castellinho só ia ao Congresso se tivesse um encontro lá marcado com algum líder importante, com hora certa. Encontrava Petrônio Portela, o Marco Maciel, a gente ia conversar, mas para ficar zanzando, para falar com aquele bando de desconhecidos nos corredores que não tem nada para dizer. Na falta de notícias, abriu-se espaço para fofoca. Para uma especulação desenfreada e daí para o escândalo, para a roubalheira, para degradação do Congresso. Foi uma decadência muito rápida e que hoje está em parafuso. Esse Congresso como está não se aguenta muito tempo. Ou ele reage, e já há alguns sinais de inquietação, mas é difícil varrer esse lixo, quando esse lixo é amplamente majoritário, a grande bancada do Congresso hoje é a bancada do baixo clero, então é difícil você fazer isso a não ser com uma medida violenta. Também acho que o futuro não está prometendo muita coisa não, salvo o inesperado, o Lula hoje tem todas as condições de garantir a eleição da Dilma, que já é uma candidata praticamente oficial, que ele está apresentando até no exterior. O argentino dizia: "É capaz de ser uma mulher". O argentino idiota não sabia que aqui no Brasil tinha uma dama chamada Dona Dilma Rousseff, que era chefe da Casa Civil e que era candidata à Presidência da República. Foi preciso o Lula ir lá dar essa dica: "Olha, é capaz de ser uma mulher, não vai ser a Xica da Silva, vai ser a Dilma". O Congresso atravessa uma fase terrível e a reportagem política está

se dissolvendo. Quais são os grandes repórteres políticos hoje no Brasil? São poucos. fazendo blogs ou com seções pequenas de jornais. O Globo hoje está fazendo uma tentativa desesperada de dar uma cobertura imensa ao Congresso e fica cavando água no deserto.

Voltando ao jornal A Notícia, você estava lá quando ele é comprado pelo Chagas Freitas? Quais foram as circunstâncias dessa compra?

O Dr. Cândido de Campos estava já se sentindo muito abatido e parece que a senhora dele também estava doente e ele queria se ver livre d'A Notícia, embora ele desse lá um expediente puramente formal, passava algumas horas lá, acho que até para encher o tempo, então ele vendeu. E o Ademar de Barros queria comprar um jornal no Rio de Janeiro para plantar aqui a sua candidatura. Era uma grande figura o Sr. Ademar de Barros. Dá pra contar muita história dele. Uma das coisas mais singulares que eu conheci do Ademar foi o seguinte: o Ademar, quando vinha ao Rio, em geral, se hospedava no Copacabana Palace, depois ele enjoou daquilo e comprou um apartamento muito vagabundo num prédio velho, ali na Glória, era um apartamentozinho, num prédio de segunda, coisa curiosa, um apartamento mal tratado, muito mal equipado, a sala de visita muito arrebitada. Ali o Ademar recebia a turma dele. Eu fui lá umas três ou quatro vezes, trabalhava no jornal, o Ademar era bom de notícia, e lá eu descobri, e depois todo mundo sabia, que o Ademar ficava ali praticamente nu, às vezes, nu em pelo. E às vezes se vestia com uma calça de pijama. Um dia eu fui lá encontrei o Café Filho – me dava muito bem com o Café, no Congresso, subimos juntos no elevador e quando bateu lá a campainha: “É o presidente Café Filho com aquele jornalista, Villas-Bôas”. “Pode entrar”. Entramos e encontramos o Ademar de peito nú, com uma calça de pijama velha, velha mesma, braguilha ao léu sentado na cadeira com uma mocinha com aquela cara de quem acabou de dormir, mas não lavou o rosto, sentada na coxa dele. O Café, que não era desse tipo de coisa, deu aquele negócio... e aí o Ademar empurrou ela, enfiou o pé na bunda dela e disse: “Vai, minha filha, nosso presidente da República não aguenta essas coisas”. O Ademar era isso. Outra vez, nós estávamos esperando o Ademar na porta do Copacabana Palace, aquele edifício de apartamentos do fundo, prédio de luxo, Ademar se hospedava ali, a gente estava na rua, estava assim uma comissão de uns três rapazes, gente meio constrangida e tal. Quando o Ademar desceu, os cara se aproximaram e o Ademar disse: Espera aí que antes de falar com vocês, vou atender isso aqui”. Os rapazes chegaram, na nossa frente, e um deles orador da turma: “Dr. Ademar nós viemos convidá-lo, nós somos da turma de odontologia da Faculdade de Odontologia de Niterói, queríamos convidá-lo para nosso paraninfo”. Meu filho, aceito com o maior

prazer é só você marcar a data, dia e hora. O sujeito engasgou e disse: "O senhor sabe que nós temos um problema, turma de gente muito pobre, de modo que essas despesas...". O Ademar pegou dois dedos e sacudiu a bochecha do orador e disse: "Já sei, meu filho, você quer gaita não é?". [risos] Acabou com aquela cerimônia toda. Disse: "Você fala com o Macedinho, que ele vai arranjar um dinheiro para você." Macedinho era o secretário dele, um rapaz ótimo. E largou a turma lá, nunca soube como acabou isso, se ele foi paraninfo ou não.

E depois d'A Notícia, o Chagas cria O Dia. Qual era o projeto d'O Dia?

O Dia era a necessidade de ter um matutino, porque os vespertinos já começavam a morrer, e o Chagas claramente quis fazer um jornal dele. Tanto a intenção era fazer um jornal popular, que ele convidou para ser secretário do jornal o Santa Cruz Lima, grande figura, um sujeito excelente, o filho dele também foi muito bom jornalista. Santa Cruz Lima era o secretário do jornal de escândalo. Ele dizia: "O jornal comigo é manchete de primeira página, o resto não interessa". Ele dizia que o jornal tendo um presunto (um defunto), um caso de macumba (ele adorava macumba), está feito. O Chagas disse que eu ia trabalhar n'O Dia, fazer a política no jornal. Eu fui para o Santa Cruz e disse que ia trabalhar com ele e ele disse que me queria sim, mas queria fazer um jornal popular, e esse negócio de PSD e UDN não interessava para o leitor. Mandou eu inventar algo mais popular. O Heráclito já tinha encerrado isso, até por razões óbvias, uma reportagem que ele fazia com o Café Filho, para o Correio da Manhã e aquilo não tinha regularidade, uma vez por mês, era uma coisa assim. Eu digo: eu vou fazer um negócio mais popular, vou fazer os Comandos Parlamentares e vou virar esse Rio de Janeiro pelo avesso. Estabeleci as seguintes condições: quem escolhe o assunto sou eu, o deputado é convidado para participar. Encontro 9 horas da manhã de quarta-feira na porta de O Dia, já era na Marechal Floriano, lá estava o Aquiles Camacho, um baita de um fotógrafo, que fez um freelancer para os Comandos. Fotógrafo fantástico. E começa assim, por exemplo... o Breno Silveira ficou freguês, era uma figura ótima, era um sujeito bonito, forte, disposto, não tinha nada contra ele, era um deputado carioca do Partido Socialista. Convidava geralmente dois deputados, tentava botar um senador, mas era mais difícil, e comecei a virar o Rio pelo avesso. Corri umas dez, doze favelas do Rio. Marcava um encontro na porta e quando entrava dizia: vamos para a favela, essas favelas antigas, Mangueira, Madureira e tal. Chegava lá, na caminhonete d'O Dia, que já era um jornal popular e isso ajudava, descia na botica, tomava uma aguinha, chegava logo o bicheiro, que era um contraventor, mas não era um bandido, geralmente era o presidente da associação dos moradores. Dizíamos que estávamos fazendo uma visita para ver as necessidades da favela.

Ele dizia: "A casa é sua, moço". A gente subia aqueles morros, não sozinhos, porque a meninada juntava em volta, mas juntos subimos dez, doze, não subimos mais porque os assuntos eram iguais: falta d'água, falta de esgoto, falta de escola, de segurança. Basicamente era isso: faltava pavimentar tal avenida para o morador sair e tal. Eu tenho uma foto que é especial, que tem três deputados: o Breno Silveira, o Dr. Heitor Beltrão e o deputado que foi padre de Alagoas, que essa foi numa favela da Zona Norte, daquelas brabas, mas perto do mar. Aí nós fomos subindo e eu perguntava ao Dr Beltrão, que era um senhor, um homem limpo, correto (é nome de rua da Tijuca hoje), se ele não queria ficar, mas ele quis subir comigo. O velhinho foi comigo devagar e passamos por um canto em que estava um bando de uns 5, 6 sujeitos em volta de um balaio de caranguejo, era uma caranguejada. Ofereceram e o Beltrão aceitou. Eu tenho essa foto fantástica do Dr. Beltrão com sessenta e tantos anos, paletó, gravata, chapéu, óculos com dois deputados e eu estou escondidinho num canto comendo pata de caranguejo numa favela. Hoje nem a polícia entra, só entra com tanque.

Os Comandos Parlamentares também recebiam denúncias, não é? Como aquela vez em que você foi ao SAM (Serviço de Assistência a Menores) com Tancredo Neves...

Recebia muita denúncia, mas eu nunca entrava na denúncia sem tentar ver... para não chegar lá e não ter nada, não é? Aquilo foi batata porque foi uma pessoa que me disse, ela chegou e se identificou, não me lembro quem foi, eu digo, isso aqui é uma casa de terror, é um depósito de meninas, de mocinhas e a mocinha estava com um aparência pior do que o menino, relaxadas, sujas, aquilo era um negócio constrangedor. Eu procurei o Tancredo, ministro da Justiça, disse que estava fazendo a reportagem e perguntei se ele queria ir comigo, para ele era bom e para mim seria ótimo. Ele foi. Marcamos de noite, onze horas da noite, por aí, ele levou dois soldados para arrombar a porta, quebrou o cadeado e nós entramos e chagamos lá e era aquela coisa esperada. Gente amontoadada em cama sem coberta, 3, 4 numa mesma cama, aquele ar de relaxamento, sujeira. Uma reportagem vagabunda. Tinha umas meninas assim e cheguei para o canto e perguntei o que acontecia, mas ela disse que ali ninguém denunciava nada e me mandou levantar o colchão. Eu saí, dei uma volta, chamei o Camacho e mandei ele se armar. Peguei o Tancredo pelo braço e levei, quando cheguei perto da cama a tal de Eva ficou lívida. Quando levantamos o colchão tinha uma coisa só de porretes com sangue e cabelo, aquela ponta era uma lambança de sangue pisado com cabelo. Tancredo fechou essa meleca no dia seguinte.

O que impressiona não é apenas o formato dos Comandos Parlamentares, mas essa possibilidade, por exemplo, de levar o ministro.

Aí, modéstia a parte, era o repórter, evidente, não é? Não creio que o Tancredo fosse com qualquer um. Também não creio que fosse só comigo. Só eu, que trabalhava num jornal popular e também trabalhava no Diário de Notícias, nessa época, não tenho certeza, mas acho que sim, que tinha condições de fazer isso.

E o episódio do levante na penitenciária de Bangu, como foi?

Esse foi mais esquisito ainda, a gente tinha ido lá antes, não é? Fizemos a reportagem, violência, mas aquela coisa comum. Um dia eu estou no jornal, por um acaso mais cedo, tinha ido fazer uma matéria mais cedo, num dia mais fraco, quando uma voz me liga e diz que iria haver um levante na penitenciária, se eu chegasse lá na hora do jantar iria ver. Fui correndo na Câmara e peguei lá os dois que tinham, o Breno Silveira e o Tenório Cavalcanti, e não precisava mais, não é? Bastava um para entrar. Pegamos a caminhonete e batemos para lá. Chegamos lá e o jantar já estava rodando, quando nós entramos, não demorou cinco minutos, começou a jogar prato para aqui, prato para acolá, e eu ainda voltei para fazer a matéria. Depois deve ter baixado o cacete lá em alguém. Como furo foi engraçado, porque a matéria chegou pronta na minha mão, com exclusividade, não é?

No seu livro, você lembra que O Dia teve um sucesso estrondoso e imediato. Na sua opinião, por que isso aconteceu?

Porque foi um jornal popular matutino. O primeiro. Eu não me lembro de outros. Depois veio o jornal do Tenório, a Luta Democrática.

Eles competiam?

Nesse tempo a Luta Democrática era bem mais fraca, mais tarde o Santa Cruz chegou a ir para lá, o filho do Santa Cruz também foi para lá, a Luta teve uma época que cresceu, mas O Dia se aguentou até agora, tendo fases melhores e piores. Está muito ruim para jornal, o Rio só tem dois jornais hoje de primeira linha, não tem mais vespertino, O Globo e o Jornal do Brasil com uma tiragem menor e ninguém mais. Os jornais populares, que custam centavos, que não tem nada. Sei lá, não sei nem ler esses jornais. Olha, com a televisão está acontecendo uma coisa terrível, não sei se é terrível, mas o que vai sobrar daí? Só a internet agora? A televisão era da super elite quando começou. Começa que, pra inaugurar, foi preciso comprar às pressas 200 aparelhos de televisão, porque o Chateaubriand esqueceu de comprar televisão. Distribuiu aquilo para o sujeito poder ver a televisão. Era ao vivo, tudo ao vivo, não tinha videotape, isso veio muito depois,

estúdio improvisado, não tinha equipe, foi buscar gente no teatro e no rádio. Mas como isto era um público de elite, essa televisão também procura atingir esse público, e os programas eram programa de elite, grandes programas de elite, em todos os sentidos. Os humorísticos de primeiríssima ordem estiveram aí, depois chegou a fase dos grandes espetáculos, aqueles grandes shows ao vivo. A Tupi sustentou durante anos uma peça por semana, de altíssimo nível, era de Fernanda Montenegro para cima, Fernanda estava começando nessa época. Aquele Jacy Campos fazia aquele "Hoje é Sábado, é dia de Câmera Um", em que ele contava uma história sozinho, mudando de cenário. Depois teve a fase dourada dos grandes espetáculos. Nesse meio tempo entrou aí o Jornal de Vanguarda, revolucionou a televisão, um jornal ao vivo com repórter, o grande sucesso do Jornal de Vanguarda era ser um jornal ao vivo, com repórter, e uma equipe fantástica, modéstia a parte, eu estava participando dela. Hoje o que está acontecendo? Esses programas eram bancados pelos bancos, essas casas de moda chique, relojarias chiques, era da elite para a elite. Esse público foi cansando de televisão, se é que foi isso, acho que não, ele foi sendo expulso da televisão, porque evidentemente hoje a massa de telespectadores e o que conta nisso é número, é hoje de classe média para classe pobre. A televisão hoje é a diversão basicamente do pobre, não há nenhuma casa no Brasil hoje que não tenha televisão, nem que seja aquela preto e branco, sobrevivente. Ora, para este público, que garante os grande índices de audiência de televisão, esse programa Tonelux, de um peça de teatro por semana, não dá não. Desde o Chacrinha da transição até essa baboseira de sábado e domingo, que torna a televisão praticamente difícil da gente suportar, com raríssimas exceções. Até o Fantástico (programa da TV Globo) tem que equilibrar o muito popular com algumas matérias mais sofisticadas.

Qual o impacto disso na abordagem da política pela televisão? Qual é o lugar da política na televisão?

Cozinha! Não, banheiro! É um noticiário claramente vigiado, claramente fiscalizado, tem um censura óbvia, que não precisa nem ser explícita. Nós voltamos ao tempo em que o sujeito senta em frente à câmera e lê o tróóló no teleprompter. Olha, eu trabalhei quantos anos no Jornal de Vanguarda? Quantos anos na TV Manchete? Nunca escrevi uma linha, nunca disse a ninguém sobre o que eu ia falar. Na Manchete acho que devo isso muito ao Bloch. Primeiro, ele gostava muito de mim e confiava muito em mim. E o Bloch, para nós, tinha essa grande vantagem, ele não gostava de política. O Bloch gostava de obra, gostava de Brasília, esse negócio de museu, os prédios dele, lindos, que estão levando o diabo por aí. E no Jornal de Vanguarda porque era a marca do jornal. Nunca disse a ninguém eu vou falar sobre

isso, nem nunca ninguém perguntou. Como nunca botei batom, nem rouge, nem pó de arroz.

Essa autonomia já lhe causou algum tipo de problema em algum momento?

Não. No único incidente que houve, o Fernando Barbosa Lima me deu toda a cobertura, não é? Foi no tempo curtíssimo em que o Jornal de Vanguarda funcionou na TV Continental, ali nas Laranjeiras, por acaso eu morava do lado, foi o último apartamento que eu morei ainda com meu sogro, era ao lado da Continental. O Heron Domingues arrendou aquilo ou ia arrendar, melhorou, mas não tinha dinheiro para sustentar aquilo, não sei se ele perdeu dinheiro, mas passou aquilo adiante, voltou para o Rubens Berardo. Aí foi aquele incidente na reitoria em que os alunos resolveram fazer lá uma reunião, e a polícia proibiu e eles enfrentaram, então invadiram, a turma fugiu e muita gente foi para o campo do Botafogo e lá baixaram o cacete nos rapazes, passaram a mão nas bundas das moças e tal. Lá estava o meu filho, inclusive, Marcelo, que levou suas bordoadas, foi preso e foi solto. Ele era aluno do IME, o Instituto Militar de Engenharia, já tinha um contrato praticamente acertado para ir para a Alemanha depois. Criou-se um clima lá que ele acabou não indo. Equivocadamente, a meu ver, ele acabou pedindo licença, se transformou num grande professor de matemática, hoje deve estar entre os cinco primeiros professores do Rio com toda a certeza, já teve 45 mil alunos. O Marcelo levou as bordoadas e eu sentei lá na televisão, ao vivo, quicando, fiz um negócio violentíssimo. Lembro que eu disse: "Assim a polícia está mostrando como ela consegue transformar alguém em comunista". Eu morava do lado e fui para casa, mal eu cheguei em casa, dez minutos depois, tinha tirado o paletó e a gravata, o Fernando me telefonou de lá: "Villas, estamos com um problema aqui, está aqui o camburão com polícia e eles querem levar o tape do seu pronunciamento". Mas não tinha tape nenhum, nós não tínhamos gravação disso. Ele perguntou se eu não podia voltar para gravar e eu disse que sim. O Fernando conta isso no livro dele e diz que eu fiz um negócio mais violento do que foi. Eu usei um pequeno truque, eu disse tudo de novo outra vez, mas mudei o tom de voz. Por que eu ia fazer uma exibição para a polícia para acabar em cana? Eu sustentei minha coerência repetindo tudo, inclusive o fecho, para o cara ver que eu não estava falseando, mas falei num tom de conversa. Eu lá ia me indignar em bis para a polícia! Aí não aconteceu nada.

Quem fazia parte da equipe do Jornal de Vanguarda?

De memória assim vão faltar muitos, mas na política era eu e o Tarcísio, a equipe de locutores tinha o Mãozinha, não me lembro mais o nome dele, o Fernando

Garcia, que foi um locutor fantástico, tinha uma memória prodigiosa, ele não lia texto, ele decorava texto. Você dava o texto para ele, ele saía para o corredor, andava para lá e daqui a cinco minutos estava decorado. Também depois desaparecia da memória dele. O Jatobá foi dessa equipe. O Heron foi, mas não do Jornal de Vanguarda, foi antes de um programa que tinha na TV Rio. Tinha muita gente boa. O Sérgio Porto na piada, o Tarcísio Holanda fazia também comentário político. A Gilda Müller fazia um negócio de mulher, etc e tal. Tinha um camarada lá que fazia o Mãozinha com o cigarro assim [gesto]. Borjalo trabalhava na retaguarda fazendo boneco. Aquilo tinha vários macetes que o Fernando foi aprendendo. Eu considero aquilo genial. Primeiro que era ao vivo, e nessa fase da TV Excelsior, a gente fazia diante de um auditório aberto e tinha frequência média, baixa, não atrapalhava não, mas tinha um dia lá desgraçado que era quarta-feira, que tinha um show antes do Wanderley Cardoso, e aquilo enchia de gente, uma gritalhada danada. Ficavam aqueles sete, oito banquinhos de três pés, quatro pés, armados no palco, com fundo negro, e os locutores em off iam comandando o jornal, e ali estavam os camaradas que iam dar o recado ao vivo, o Maneco Müller, eu, o Tarcísio, o Sérgio Porto, a turma que dava a notícia, o Newton Carlos fazia internacional, de vez em quando entrava um e saía um, mas muito pouco. Isso aí acabou com o AI-5. Com o AI-5 o Fernando reuniu a gente lá e disse que não dava para continuar. Ele fez uma despedida, que terminava assim: "um cavalo de raça mata-se com um tiro na cabeça". Depois ele fez uma abertura na Tupi, que eu também participei, mas durou pouco, porque a Tupi logo foi à garra, não é?

Voltando no tempo, qual a importância do jornal O Dia na construção da carreira política do Chagas Freitas?

Foi decisiva. O Chagas não tinha popularidade para ir sozinho, estava começando, ligado ao Ademar, filho de um médico daqui do Rio de Janeiro, e na primeira eleição ele foi primeiro suplente. Quando chegou O Dia, o Chagas sabia manobrar muito bem o jornal, ele mesmo fazia as notícias dele. Passou a ter um artigo diário no jornal. Chagas era um sujeito muito inteligente, competente e um homem contraditório nas coisas dele. Por exemplo, ele foi muito amigo do Edgard de Castro Rebello, um fabuloso professor de Direito Comercial na faculdade, homem de esquerda, que foi afastado pelo Artigo 177. Ele, Bilac Pinto e Leônidas de Resende. Eu estava na faculdade quando houve o retorno dele, lá com a queda da ditadura. O Chagas ficou muito encantado com o Castro Rebello, porque o Chagas teve uma formação socialista, tinha uma boa biblioteca de esquerda, e muito influenciado pelo Castro Rebello, que era um homem de esquerda, aberto, o Castro Rebello adoeceu sem dinheiro e o Chagas sustentou ele até morrer, sem nunca abrir a

boca, só se soube disso depois que ele morreu, que alguém da família do Castro Rebello contou. Chagas sustentou ele com tudo, médicos, remédios, ficou em casa precisando de assistência, teve um péssimo câncer. Era um homem meio contraditório. Há algumas histórias depois, que hoje a viúva dele conta. No último governo do Chagas, era um horror para família quando Figueiredo vinha aqui para o Rio, ele ia para a granja do governo e pedia tudo, os carros todos, até o carro da Dona Zoé, uma vez ele levou. Um dia, a Dona Zoé disse que estava em casa, o Chagas morava aqui no Morro da Viúva e ele tinha um terreno grande com duas casas, uma casa de moradia e outra de escritório. Ela disse que estava sozinha em casa, quando alguém bateu palmas lá e ela foi abrir porta e alguém perguntou se o Dr. Chagas estava. Ela disse que não. O sujeito disse que tinha um embrulho para entregar, mas com ordem de entregar só a ele. Dona Zoé manjou que deveria ser o pessoal do Figueiredo, passou a mão no embrulho e disse que era a mulher do Chagas Freitas e ia entregar a ele. Saiu e foi ver o negócio, era uma pilha de filmes pornográficos, que o Figueiredo juntava aquela canalha dele lá de noite e ficavam vendo filme pornográfico [risos]. Ela disse que pegou aquilo e quando o Chagas chegou, ela perguntou como é que naquela idade ele estava vendo filmes pornográficos. O Chagas se ajoelhou e pediu pelo amor de Deus para que ela não contasse isso para ninguém. [risos]

Com a criação dos jornais O Dia (1951) e Luta Democrática (1954), nas eleições seguintes, tanto o Chagas Freitas quanto o Tenório Cavalcanti vão ser os candidatos mais votados. Isso pode ser atribuído à atuação dos seus respectivos jornais?

Sem dúvida nenhuma. Comigo, a primeira coisa que aconteceu foi que eu não pude fazer mais os Comandos, eles morreram. Ou eu fazia os Comandos levando o Chagas, que era uma palhaçada, porque ele era o diretor do jornal, não era deputado ainda, e também ele não ia deixar... Eu usava deputado do Rio porque é óbvio que deputado do Rio tinha mais interesse em ir num negócio desse, não recusava um. Acabei com os Comandos. Mas o jornal foi... uma vez eu vi o Chagas dizendo que no Rio de Janeiro ninguém se elegia sem O Dia. Era verdade, em alguma medida. Na área popular era difícil alguém se eleger sem o apoio d'O Dia ou, depois, da Luta Democrática. A Luta Democrática não tirava mais de 50, 70 mil. O Dia tirava 200 mil.

Qual a avaliação que você faz da atuação da imprensa no segundo governo Vargas?

Você sabe que a política brasileira tem enfrentado sucessivas crises e todas elas nascem por um ato de absoluta incompetência política. No caso do Getúlio, por exemplo, o Getúlio não queria voltar à Presidência da República, não queria mesmo. Isso a filha dele depõe, a família não queria, Dona Alzirinha e o Amaral eram contra. Amaral menos por causa de negócio do PSD. Você acha que um homem que foi presidente da República, ditador durante aquele tempo todo, se elege por oito estados deputado federal, por três senador, leva o primeiro tranco com o Euclides Figueiredo na Câmara, vai para Itu, aquilo lá eram três fazendinhas, mas parece que a mais frequente era Itu. Eu estive lá por cinco vezes. Aquilo era uma fazenda paupérrima, típica da zona missioneira, vez em quando passava lá uma cavalhada em briga e tocava fogo em tudo. Ninguém fazia coisas muito duradouras, porque sabia que aquilo era muito precário. Era uma fazenda de boas terras, parece que tinha bom gado, muito modesta, e o Getúlio curtiu ali uma absoluta solidão. A primeira vez que eu fui, fui com Danton Coelho, Danton era aquele pombo correio, grande articulador da volta do Getúlio, era contra o Getúlio, mas fez o movimento. O Danton ficou conversando com o Getúlio, que estava numa rede, gordo, os pé roliços naquelas pantufas de frio, chupitando um uisquezinho, fumando um cigarro. Aí caiu uma mosca no uísque dele e ele pegou a mosca com o dedinho, chutou a mosca e continuou bebendo, uma vida absolutamente rústica e sedentária, engordou 30 quilos, ele era baixinho, a roupa não cabia mais nele. Nessa primeira vez eu aproveitei, saí e fui ver a casa, a casa era muito pequena, o quarto era um quarto de estudante pobre, uma cama patente velha, aquilo era de mola e, com o peso do Getúlio, aquilo estava abaulado, eu não sei como o velho dormia ali, a bunda devia encostar no chão. Cama patente velha, tinha um guarda roupa que devia ter sido comprado usado, muito vagabundo, fininho, com espelho na frente todo manchado. Abri esse guarda-roupa com cuidado e estavam penduradas lá quatro ou cinco camisas de roça, fazenda vagabunda, aquela coisa de que não tinha dona de casa e se tinha era muito relaxada, roupa mal lavada e uma porção de bombachas no mesmo estado. Além da cama, tinha um movelzinho com gavetas, em cima uma vitrolinha, discos de um cancionista gaúcho chamado Pedro Raimundo, de música popular, uns oito ou dez livros empilhados, olha que Getúlio foi um grande leitor, tinha uma boa biblioteca, lia francês fluente, falava francês fluente, falou francês com Roosevelt quando ele esteve em Natal, não precisou de intérprete. Eu peguei os livros e todos de autores com dedicatória para o Getúlio, livro daquele tempo você tinha que abrir com espátula, estavam autografados, quatro ou cinco folhas abertas, Getúlio não lia mais nada. Jornal nenhum. Uma vida de eremita ou de um sujeito que estava ali para morrer, para levar o resto da vida, não é que não tinha mais gosto pela vida.

A primeira vez que eu fui, então, o Danton estava segurando isso e estava correndo aquele negócio de "fórmula mineira" com o Israel Pinheiro, aquele que foi candidato, os cinco mineiros. O Getúlio foi desconsiderando cada um dos mineiros. Esse negócio foi crescendo. Fui uma vez lá com o Danton, fui uma vez com o Ademar de Barros e o Danton, foi quando o Getúlio fechou acordo para apoiar o Ademar. O Ademar ficou indignado na volta, porque na hora de assinar o acordo, o Ademar assinou, passou para o Getúlio, o Getúlio passou para o Danton e disse: "Tu és presidente do PTB, tu que fizestes o acordo, tu assinas". E na última vez eu fui com o Nereu Ramos e o Viana do Globo, que era muito amigo do Nereu. Também me dava bem com o Nereu. Lá o Nereu conversou e a conversa não demorou muito, quando acabou pegamos o avião para vir embora, esse meio dia nós dormimos lá. No avião, perguntamos para o Nereu o que afinal ele tinha vindo fazer ali. Ele disse: "Eu vim aqui em nome do PSD, pedir o apoio do presidente para o candidato do PSD". Ele era muito formal. Perguntamos: "E aí?". "Getúlio disse: tu trazes o seu nome que eu apóio e não serei candidato". Ele fungava quando queria dizer alguma coisa, ele fungou e disse: "Não publiquem isso, porque se publicarem eu desminto, porque eu não posso vir aqui em nome do PSD para pedir apoio para o candidato do PSD, voltar e dizer que o candidato sou eu". Então você vê a burrice que esse partido fez, que o Dutra fez, que o chefe da Casa Civil do Dutra, um camarada da Paraíba, ele fez tudo para intrigar o Nereu com o Dutra, o Nereu seria um candidato invencível, apoiado pelo Getúlio. Rachava a UDN, parte da UDN iria com ele, tinha muito bom trânsito na UDN. Getúlio não seria candidato, o Nereu faria um bom governo e na sucessão do Nereu as coisas iriam correr normalmente. Foi a primeira burrada. A segunda: Nereu e Getúlio, a eleição de Getúlio só podia dar no que deu, reacendeu todos os ódios, a UDN que já estava avacalhada, com a cabeça ardendo por causa da derrota do brigadeiro Eduardo Gomes, ainda teve a fase Juarez Távora, não iam engulir a volta do Getúlio, de alguma maneira, também era um bofetada nos militares que o tinham deposto. Nereu faria uma transição sem problema, ganharia quem quisesse. Aí veio Juscelino, acho que Juscelino não fez besteira nenhuma a não ser no final, constrói Brasília a toque de caixa, esculhamba a máquina administrativa para sempre, foi um erro político. O Jânio tinha tudo para se eleger sozinho, não tinha problema nenhum, faz esse acordo por debaixo do pano para o Janjan, trai a candidatura do Milton Campos, que era um sujeito admirável, se elege para fazer aquela burrice de querer dar aquele golpe, botar povo na rua. Fico pensando o seguinte: três militares são chamados pelo Jânio naquela merda daquela carta, os militares estavam ali garantindo o Jânio de maneira incondicional, está fazendo um governo cheio de palhaçada, de galinhagem, mas um bom governo. Nenhum deles teve a

coragem de pegar aquela carta e dizer não, o senhor não renuncia não, se o senhor renunciar eu lhe levo daqui preso. Então o senhor percorre esse país todo, cria todas as esperanças, tem o nosso apoio incondicional, dá um chique qualquer e renuncia. Botava ele para dormir e no dia seguinte ele acordava e pronto, ele fez isso duzentas vezes em São Paulo, dizer que iria renunciar. Burrada. Burrada de eleger Jânio e Jango, porque se estava o Milton Campos ele não ia renunciar, era um homem que garantia, se renunciasse era ótimo, porque todo mundo ia bater palma. Essa ditadura militar precisava dura 21 anos, porra? Ao final, na saída dela, compreende-se que o Dr. Tancredo Neves, que durante muitos anos antes, ele, de vez em quando, coçava ali, o que era aquilo? Diz a família hoje que era uma inflamação que ele tinha ali, achava-se que uma apendicite meio esculhambada, mas que não era bem apendicite, e que ele tratava com o farmacêutico de São João Del Rei. Tancredo se elege vai para os Estados Unidos, vai para a Europa. Saía pelos fundos do hotel de noite, pegava um ambulância no hotel, entrava no hospital se operava, sumia 4 dias, ninguém dizia onde ele estava. Umas semanas depois aparecia, teve que fazer uma operação de emergência. Vai para a morte, porra? Se Figueiredo não passasse o governo para o Sarney, e daí? Ia passar para quem? Assumia o outro sujeito e esperava ele voltar. Até que chegamos ao Figueiredo, o governo Figueiredo acaba no Riocentro.

Villas, você lembrou agora do que você chamou de “erros políticos”. A imprensa estava preparada para lidar com esses acontecimentos? Como ela cobriu esses eventos?

A imprensa política de Brasília hoje se adaptou ao estilo de Brasília, é uma imprensa que tem muito boa relação com os parlamentares, que lá permanecem. Cada um seleciona suas fontes e delas se serve. Hoje, não está havendo contraditório na política. O Lula e anti-Lula. O anti-Lula não existe. O Lula hoje é cada vez mais uma coisa de um homem só, não digo que seja ditatorial, mas é realmente um tipo de liderança absorvente, em cima de um partido desestruturado, que está muito prisioneiro das vantagens e benefícios que ele está exercendo. Empregos que não acaba mais e Lula faz dele o que quer. Se está assistindo agora essa coisa fantástica do Lula estar elegendo com enorme antecedência a sua sucessora, escolhida a dedo, que é o que interessa a ele. Não estou fazendo uma avaliação das qualidades e defeitos da dona Dilma, mas não é uma liderança política natural e emergente. Não é. Ela é uma presença administrativa poderosa, uma sombra do Lula, uma projeção do Lula, e está eleita, alguma dúvida que está eleita? Quem é o candidato natural da oposição? Ah, mas daqui até lá pode ser que se forme. Pode ser, mas porque não formou até hoje, não é? O Lula está

apresentando a dona Dilma como uma futura sucessora. Não sei se ele tem esperança de que ela tenha um mandato só, e ele está sonhando com o retorno depois. Realmente o saco de ambição do Lula não tem fundo.

Você disse que a sua geração tentou construir um jornalismo político analítico, com autonomia e independência. Você acha que nesse processo, de conquistar esse tipo de jornalismo, o trauma do suicídio do Getúlio teve algum peso no sentido de se tentar construir um jornalismo pautado menos pelo partidarismo e mais pela imparcialidade?

A lembrança que eu guardo desse tempo é que o suicídio do Getúlio desarmou muito o radicalismo, porque ele era o pólo da radicalização oposicionista. Aquela famosa frase do Lacerda: "O suicídio do Getúlio estragou a nossa festa". Realmente estragou a festa, o país virou na hora, mas virou e não restabeleceu um confronto partidário que se travasse realmente no plano político. Ficou no plano da conspiração, não é?

Você escreveu que o suicídio levou à desudenização da imprensa. Isso tem a ver com uma mudança de posicionamento político?

Eu acho que desudenização da imprensa realmente começa com a candidatura do Juscelino, porque o Juscelino rachou a imprensa nacional. Ele teve apoio de parte dessa imprensa e o estilo do Juscelino não estimulava muito essa radicalização violenta. O Lacerda foi até os extremos da violência etc e tal, mas não levava muito a UDN para isso não.

Você passou depois pelo Diário de Notícias. Conta como foi a experiência da coluna Notas Políticas.

Para mim foi uma promoção. De um jornal popular, foi o primeiro grande jornal onde eu fui convocado a integrar uma equipe que tinha o Odylo, o Pedro Gomes, depois sumiu, nunca mais soube do Pedro Gomes, tinha um texto excelente, eu e o Heráclito. Depois o Odylo saiu para o governo do Café Filho, para ser secretário do Café, foi ser diretor das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União (Rádio Nacional e etc.) O Heráclito assumiu e aí, durante algum tempo, aconteceu uma coisa muito curiosa, aí tinha o Osório Borba, mas não era de política, ele era um escritor, fazia artigos, colaborava, e Osório Borba fazia um bico n'O Estado de São Paulo, fazia lá uma coluna, o diretor da sucursal d'O Estado de São Paulo era o Rafael Correia de Araújo, teve uma época que ele foi suplente de deputado pelo Partido Socialista do Ceará, exerceu o mandato duas ou três vezes e sempre me pedia para substituí-lo n'O Estado de São Paulo. O Borba era um sujeito com

rigidez ética impressionante. Aí quando ele voltou de um período desses, disse que não poderia mais ficar n'Ó Estado de São Paulo, que não era justo eu ficar substituindo e ele não queria mais fazer aquilo não. Fiz tudo para ele voltar, mas não teve jeito, aí o Rafael me convidou e eu fiquei n'Ó Estado de São Paulo e no Diário de Notícias.

Como você conseguia conciliar o trabalho em dois jornais ao mesmo tempo?

Chegou a ser três. Fazia O Dia, o Diário de Notícias, depois o Diário de Notícias entrou em crise, e eu acabei saindo, faliu. Aí fui para o Jornal do Brasil, Odylo me levou, Odylo onde ia me levava. O Estado de São Paulo não, fui através do Borba. Então eu fazia o Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo e O Dia. Eu saía da Câmara, corria lá n'Ó Dia, fazia a matéria em 40 minutos, a pé, voltava para O Estado de São Paulo, onde eu tinha gabinete, e fazia duas seções, de enfiada, uma e outra. Ou ia levar ou manda levar, era pertinho, o escritório era ali na Rua da Quitanda com São José, naquele edifício onde era a CBD, e o Jornal do Brasil na Avenida Rio Branco, era pertinho, dez minutos a pé. Quando tinha carnaval, semana santa, eu entrava no jornal O Estado de São Paulo, de manhã cedinho e saía à noite com uma pilha, fazia 12 artigos. Cheguei a fazer 12 artigos de enfiada, vinha acumulando um pouco de matéria durante a semana, mas sentava na máquina e fazia. Hoje eu morro se fizer isso, morro no quinto, se chegar ao quinto.

Como foi no Jornal do Brasil? Você passou a trabalhar só para o JB?

Não. Quando houve a mudança da capital para Brasília, eu recebi um convite irrecusável do Jornal do Brasil, através do Alberto Dines, para ir para Brasília instalar e dirigir a sucursal. Entre outros atrativos, tinha uma passagem de avião mensal para vir ao Rio visitar a família, uma Rural Wyllis, que era o carro que aguentava aquele lameiro de Brasília, e apartamento naquele Brasília Palace, que era o único hotel que tinha em Brasília. Eu decidi aceitar, já que O Estado de São Paulo não me chamava, não se explicava. Muito preocupado em deixar família aqui etc e tal. Eu achava que tudo estava mudando para Brasília, que a política estava mudando para Brasília e eu não ia ter condições de sobrevivência no Rio. Aí fui a São Paulo conversar com Dr. Julio Mesquita Neto, o diretor do Estado, excelente figura, um sujeito sem grande brilho de estilo, mas foi um excelente diretor, sujeito sério, competente. O Estado de São Paulo com ele atravessou sua melhor fase, administrador atento e competente. Conteí essa história a ele: "Dr Julio, estou vendo que O Estado de São Paulo tem outros planos em relação à Brasília, vou ficar desempregado no Rio e o JB está me fazendo esse convite, é um convite bom e

estou inclinado a aceitar.” Aí ele me deu essa lição de jornalismo que eu jamais esqueci: “Se você quiser ir, não posso lhe impedir, mas suas preliminares estão erradas, equivocadas. Não queremos que você vá para Brasília agora, porque é despir um santo para vestir outro, você acha que o Rio vai esvaziar politicamente de uma hora para outra? Não, nós vamos ter duas capitais durante muito tempo, se não tiver duas capitais por muito tempo, como New York e Washington”. Eu disse: “nesse caso eu fico”. E saí do Jornal do Brasil, porque aí o JB é que não tinha mais lugar para mim, recusar uma proposta dessa só dizendo que não aceitava. Depois, quando o Fernando Pedreira foi convidado para ser redator chefe em São Paulo, eu já era chefe da seção política, era um candidato natural.

Na ditadura militar, a partir do AI-5, como fica a relação de um repórter de política com as suas fontes?

Olha, nessa época eu fiquei grato às quatro ou cinco fontes governistas que me atenderam de maneira muito especial. Para dar um exemplo mais significativo, porque os outros são mais ou menos óbvios, como Daniel Krieger, Petrônio Portela, essa era gente da política mesmo, mas o Delfim (Netto), com quem eu não tinha tantas relações assim, eu expus a ele essas dificuldades e ele diz assim: “Vou te receber toda terça-feira no Rio de Janeiro às 7h30 no Ministério da Fazenda”. Ele não ia todas as terças-feiras ao Rio, mas quando ele ia, era batata. Era engraçado porque eu chegava lá às 7h30, 8h e encontrava aquele gordão com aquela cara de quem dormiu tarde, mas dormiu e tomou banho, está escovado, penteado, está com a barba raspada, ele me atendia ali meia hora, 40 minutos, não me dava notícias, mas me dava sempre linhas de raciocínio do governo, que me ajudavam para burro. A gente tentava obter o máximo de informação, que eram raras, e nós n’O Estado de São Paulo passávamos por outro drama de consciência que era o seguinte: n’O Estado de São Paulo a ordem era publicar tudo, escrever tudo, o Estadão se recusava a fazer auto-censura. Isso obrigou um censor a ir para o jornal. Quando você tinha uma informação que aporrinhava o governo, você ia dar murro em faca de ponta, isso é uma coisa terrível que a censura faz, porque a censura te obriga a tentar negociar com ela na sua consciência, para poder publicar matéria. Eu fiz isso algumas vezes, abrandava a matéria daqui e dali para passar. Que adiantava para mim tirar mais uma estrofe de Camões que não tinha nada a ver com a matéria. Tive várias censuradas.

Você se lembra de algum episódio, de algum furo?

Isso não, porque não tinha furo naquela época, vinha tudo pronto. Mas várias matérias de jogadas do governo, de resistência, brigas internas. Quando aquele

general da aviação saiu, eu dei um furo, não me lembro mais o nome dele, acho que Afonso Albuquerque, que jogava tênis. Nesse tempo O Estado de São Paulo também me deu uma coisa muito gratificante, é que como a ordem do Estado era publicar, mas a censura era muito presente, a gente descobriu que às vezes algumas coisas passavam pela censura, porque a proibição chegava depois da notícia, isso principalmente em relação a certas prisões. Isso vazou, então a gente recebia n'O Estado de São Paulo, não era todo dia, porque isso também não acontecia todo dia, mas eu recebia com relativa frequência apelos desesperados de pessoas, famílias pedindo para dar só a notícia de que fulano de tal foi preso a tantas horas na rua tal número tal. A recomendação para não sair esse nome no jornal geralmente vinha mais tarde. A família sabia que ele estava preso antes da censura. Isso evitava ou dificultava que o rapaz sumisse, embora alguns tenham sumido mesmo com a notícia. A gente achava que estava cumprindo um dever, fazendo algo nobre.

Além do Delfim, que outras fontes foram importantes?

Essas fontes não eram misteriosas. Eu tinha muito bom relacionamento com Petrônio Portela, que foi um excelente ministro e que jogou na abertura sempre, não é? Com o Sarney, com o Aluizio Alves, que foi uma fonte permanente. Aquele manifesto dos generais foi o Aluizio que me deu o furo. O Krieger, o Thales Ramalho, essa nata política que tinha informação e que alguns eu conseguia acesso. Marco Maciel também, mas é muito maneiroso, saltita muito, mas ele também não prega mentira não.

Era necessário ir a Brasília?

Eu ia a Brasília com relativa frequência nessa época. No principio eu ficava hospedado no apartamento do [Carlos] Castello [Branco], depois ele se mudou para uma casa no Lago, e para mim que ia sem carro, essa casa no Lago era um estrupício, não é? Dormir na casa do Castello era muito bom para mim, porque a qualquer hora que eu chegasse a gente ia bater um papo. Ele puxava uma garrafa de uísque, eu tomava uma dose e ele bebia o resto da garrafa [risos] O Castello tinha uma célula que não dormia.

Em Brasília, que lugares vocês frequentavam em busca de informação?

Não. Brasília sempre teve muito esse negócio de restaurante, Marco Maciel marcava encontro para almoçar em restaurantes. Mas também em gabinetes. Eu não ia a Brasília sem ir ao apartamento do Thales Ramalho. O Thales sabia tudo, esse era um lugar obrigatório. Se o Krieger estava lá, eu ia ter uma conversa com ele.

Se o Petrônio estava lá, também. Dependia dos caras que estavam no primeiro plano. O Tancredo (Neves), por exemplo, nesse tempo não era uma fonte importante, depois passou a ser. Ele começou a crescer na campanha das Diretas.

Você falou no Carlos Castello Branco. Como você descreveria as qualidades dele como jornalista?

O Castello quem fez perdeu a forma, não vai nascer outro igual pelo conjunto de qualidades. Primeiro, porque ele era um tipo curioso, baixinho, falava mal, uma dicção ruim, péssimo orador, mas era incrível a capacidade que o Castello tinha de pegar a notícia e desdobrar isso em análise. Só você assistindo é que você podia imaginar como ele escrevia. A impressão é de que tinha alguém no cangote dele ditando a matéria. Primeiro, que ele escrevia a máquina com uma velocidade espantosa, depois se ajustou rapidamente ao computador. O Castello fazia aquela coluna dele em 20, 30 minutos e não parava uma vez. Se tivesse que fazer duas, ele tirava aquela, botava o papel e fazia a segunda. Era uma pessoa confiável, porque não fazia safadeza com ninguém, e gostava da noite, então circulava muito, no fim da vida ele andou bebendo muito, bebia muito uísque e era estimado e paparicado em todas as áreas. Era reconhecido como o melhor repórter do Brasil em todos os tempos. Isso arromba todas as cancelas.

Quando chega o governo de Ernesto Geisel e começa a distensão política, qual era a possibilidade dos analistas políticos perceberem como ela estava acontecendo?

Mas o Geisel, não precisava falar com ele, tinha o Humberto Barreto (secretário de Imprensa). Telefonava para o Humberto Barreto, ele marcava um encontro comigo e a gente conversava. Golbery não dava notícia, mas dava pistas do clima do governo, como estavam as coisas. Eu me dava muito bem com o Barreto. Comigo ele abria o jogo e dizia o que não podia dar.

À medida em que vão acontecendo alguns fatos, que mostram que há uma resistência à abertura dentro do grupo militar, como a morte do Herzog e o atentado do Riocentro, essas fontes falavam mais?

Olha, o artigo que eu fiz na minha vida e que teve mais repercussão foi o do Riocentro: a bomba explodiu no Planalto Central e os estilhaços bateram no rosto do presidente da República. Esse foi o artigo de maior repercussão até hoje e foi quase que por acaso. Eu era chefe da seção de política do JB. Era um sábado e eu cheguei mais cedo e levei já um artigo feito em casa para poder ajudar a fazer o jornal de domingo. Quando eu chego, no jornal estava chegando a turma que tinha

passado a noite virando por causa do Riocentro. Eles me deram a história: estorou a bomba no colo do sargento e tal. Muito tempo depois eu fui saber que o Marcelo, meu filho, estava lá dentro. Eu aí fui para máquina e escrevi de um galope. O Paulo Henrique Amorim era chefe de redação. Ele leu e disse que estava forte demais. E disse que alguma voz de indignação precisava ter no jornal e seria a minha. Liberou o artigo. Também, se não liberasse, sairia aí, não é? No dia seguinte eu fui à rua e os caras me pararam na rua. Depois houve uma eleição e teve gente em Ipanema e Leblon que botou na camisa: "Nós votamos em Villas-Bôas Corrêa".

Mas o artigo é tão claro, que não é só fruto de uma indignação, ela é uma análise que vinha sendo construída com interlocução com as fontes?

Não. Eram dois repórteres excepcionais, eles levantaram toda a história. Eles me contaram toda a história. Depois foram fazer as matérias deles. O Jornal do Brasil deu vários furos sobre o assunto. A bomba, não é? Tinha um repórter que tinha um carrinho daquele, chegou e disse que não cabia bomba, foi lá e mostrou, e aí o jornal arranjou um carro igualzinho, da cor, e fotografou.

De uma forma geral, como você avalia a atuação da imprensa na redemocratização?

Não há nada melhor para o repórter que faz cobertura política, do que ter notícia, e a campanha das Diretas era uma coisa na rua, aberta, era fácil fazer matérias. Agora, tem coisa até curiosas naquele grande comício das Diretas no Rio, eu estava no palanque e lá estavam Ulysses, Tancredo, Brizola e etc. Encontrei o Tancredo meio jururu assim no canto, era um pouco do jeito dele, e disse: "Como é Tancredo? Que multidão!". "Pois é, sr. Villas, como é que nós vamos explicar a esse povo que a emenda não vai passar?". A emenda nunca teve a menor possibilidade de passar, porque se passasse por milagre na Câmara, não passava no Senado. Isso era matemática, era só contar os votos, não precisava adivinhar não. Nunca houve a possibilidade de ser aprovada. A menos que acontecesse um milagre. Cercasse o Congresso. Aí cheguei perto do dr. Ulysses e falei o que tinha conversado com Tancredo e ele disse: "Uma multidão dessa, não há Congresso que vote contra o povo". Um mineirinho com os pés na terra e um paulista voando no espaço. Você vê a diferença de cabeça. Agora, dr. Ulysses Guimarães deve ter ficado um pouco magoado comigo, porque eu achei absolutamente incompetente o que ele fez na Constituinte. Ele acumulou três funções que não podiam ser acumuladas, porque de alguma maneira são contraditórias, se chocam. Ele foi presidente da Constituinte, presidente da Câmara e presidente do PMDB. O PMDB era um partido majoritário, sozinho ele era maioria na Constituinte, não há uma

emenda do partido na Constituinte, porque o partido ficou acéfalo, há emendas de peemedebistas de punhado, mas do partido nenhuma. O dr. Ulysses vivia no mundo da lua, mas admirável de bravura cívica, de coerência na vida dele, vida limpa.

Villas, como foi a avaliação de quem cobria política na época das eleições de 1974? O PMDB venceu de um modo surpreendente ou não?

Não, não foi não, a gente estava sentindo a virada. Já tinha muita pesquisa, não é? As pesquisas já antecipavam muitas coisas, você hoje, muito dificilmente, é surpreendido. Agora, por exemplo, você está vendo que o embaraço da oposição não é uma bolação da imprensa não, é evidência dos números. Qual é o candidato natural da oposição? Quem não tem candidato natural, não tem candidato. Vai ter que construir um e essa construção costuma ser sempre penosa e deixar estilhaços pelo caminho. Se não vier natural, vai ser disputada e disputada quem perde nunca sai feliz da derrota. Não existe isso, só masoquista, e aí é caso de tratamento psicológico.

Ao longo desses 60 anos de atividade jornalística, como você avalia a evolução da cobertura de eleição?

A cobertura de eleição hoje é muito óbvia. Qual é a cobertura de eleição hoje? Articulações de bastidores são muito poucas, o que há, também se sabe logo, não é? Não tem importância. O que seria importante? Se de repente estivesse crescendo na oposição um candidato que ameaçasse o Lula, seja ele quem for. Isso ia nos dar muito assunto e oportunidade de especulação, apesar das pesquisas mais uma vez botarem água na sopa. Mas era um bom assunto. Só a pessoa que realmente não quer enxergar não vê que a menos que aconteça o imprevisível... Pode acontecer? Pode. Se o Lula enlouquece... não falta muito não é? Uma coisa assim qualquer, se há um escândalo do governo monumental, o fracasso por causa de alguma coisa. Eles estão numa ganância violentíssima. Se, por exemplo, de repente, a gente descobre que esse pré-sal é economicamente inviável? É uma pancada na moleira do Lula violentíssima. Agora, ele vai passar recibo nisso? Acho que não, tem tempo também de jogar...

O que se aprendeu de episódios como o escândalo da Proconsult, a construção do Collor, episódios que marcaram os processos eleitorais?

O Collor foi realmente um fenômeno singular, mas que não foi construído inteiramente no espaço. O Collor foi um sujeito que entrou numa área cansada, esgotada, aquela área do governo que não tinha um candidato forte e aparece

aquele sujeito falante, moço, com um discurso corajoso. Usou muito bem a televisão na hora, lembra que ele comprou três programas de partido e ocupou o vazio e numa época em que eu cheguei a fazer duas e até um dia fiz três palestras pagas a mil dólares cada uma porque essa classe empresarial estava em pânico com o risco de Brizola ou Lula se elegerem. Collor entrou nessa brecha, não havia um candidato forte do governo, por outro lado havia o pânico com a disputa dessa dupla, se o Brizola e o Lula tivessem se entendido no primeiro turno, jogam cara ou coroa e brigassem, talvez o Collor não se elegeisse. Que ele era um equívoco, já estava pintando. Ele enganou, tomou algumas medidas que pareciam muito corajosas, por exemplo, fechar ministério - enquanto o Lula abre essa infinidade de ministério para não fazer nada. Arranjou uma moça que não tinha nenhuma consistência como técnica, como economista, e sai com aquele programa maluco de tomar o seu dinheirinho na poupança. [risos] Se o Collor não faz isso.... a parte boa do governo estava indo bem. Ele também ameaçou a roubalheira instalada no Congresso, a tradicional, aquela da Comissão de Finanças, Collor ameaçou aquilo.

Qual a sua avaliação sobre essa nossa iniciativa da resgatar e registrar a memória do jornalismo brasileiro?

Acho isso ótimo porque, evidentemente, cada um de nós tem alguma experiência para contar. O sujeito não passa 60 anos como eu na imprensa sem nada para contar. Você pode dizer que 90% do que eu contei aqui é bobagem, mas sobram 20%, e se sobrar 10% já vale, não é? E até 1% às vezes é lucro. Acho que tem muita gente boa ainda por aí que pode ser ouvida. Não só com experiência em política, mas em outras áreas também. Eu acho que a imprensa esportiva tem hoje algumas figuras que merecem ser ouvidas. Armando Nogueira, o Tostão. Tostão é o mais brilhante analista de futebol que eu já conheci. Eu acho que talvez seja um pouco cedo, não sei, mas o Maurício Azedo tem um depoimento sobre a ABI que deve ficar registrado. Ele está sendo um presidente sensacional. Pela primeira vez a classe está começando a se aproximar da ABI, e no pior momento de alguma maneira, porque a imprensa não está mais na cidade. Nós vivíamos no Centro da cidade, um Centro marcado pela Praça Mauá de um lado, pelo Monroe do outro, Praça 15 daqui, Praça Tiradentes do lado de cá, mas tinha esse Centro, que todo mundo andava a pé por ali. Hoje, não tem mais esse Centro. De modo que os grandes jornais todos ficavam nessa área, muito pouco fora daí como O Cruzeiro, mas o resto todo: O Jornal, o Diário de Notícias, Correio da Manhã, O Globo, A Notícia, o Diário da Noite, A Vanguarda, o Diário Carioca. Tudo isso era no Centro da cidade, os ministérios eram ali, os que eram politicamente importantes estavam ali perto. Significativamente o Catete já ficava mais longe, porque no Catete

ninguém tinha acesso, nesse tempo o Catete não tinha cobertura para o repórter político. Tinha aquele sujeito da sala de imprensa que pegava a nota oficial. Primeiro caso de tentativa de abertura foi com Samuel Wainer na Última Hora, botou aquele rapaz lá que fez excelente matéria sobre o Dia do Presidente, ele enfeitava, mas era um jornal a favor do governo. Eu, inclusive, já dei dois ou três depoimentos desse tipo, é uma moda boa, viu?